O Juventus é da Mooca: o embate entre a safização e a tradição na Rua Javari

Juventus belongs to Mooca: the clash between safization and tradition on Rua Javari

Marsiel Pacífico
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dourados, MS
marsiel.pacifico@uems.br
https://orcid.org/0000-0002-2013-2073

Geovane Ferreira Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dourados, MS
geovanegomes@uems.br
https://orcid.org/0000-0002-1901-9794

Recebido em: 05 de novembro de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Este artigo investiga o fenômeno da resistência à transformação do Clube Atlético Juventus em Sociedade Anônima do Futebol (SAF), analisando as implicações culturais e identitárias envolvidas. A "safização" tem sido uma tendência crescente no futebol brasileiro, impulsionada por dificuldades financeiras e pela busca por maior competitividade. No entanto, no caso do Juventus da Mooca, observa-se uma forte oposição, sobretudo de sua torcida e do entorno comunitário, que percebem o clube como um elemento fundamental da identidade do bairro. O estudo se baseia em revisão bibliográfica e abordagem qualitativa de estudo de caso, explorando a relação entre futebol, tradição e modernidade. Os resultados indicam que a resistência à SAF no Juventus é impulsionada pela forte conexão entre o clube, a história da Mooca e sua tradição operária e imigrante. Conclui-se que a preservação dessa identidade transcende aspectos econômicos, configurando-se como uma forma de resistência à mercantilização do futebol e à descaracterização de sua memória coletiva. O caso do Juventus exemplifica os desafios enfrentados por clubes que buscam equilibrar tradição e modernização em um cenário de transformações estruturais no futebol brasileiro.

Palavras-chave: Futebol. Lugar. Tradição. Resistência. Modernização.

Abstract:

This article examines the phenomenon of resistance to the transformation of Clube Atlético Juventus into a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), analyzing the cultural and identity-related implications involved. "SAFization" has been a growing trend in Brazilian football, driven by financial struggles and the pursuit of greater competitiveness. However, in the case of Juventus da Mooca, strong opposition is observed, particularly from its fans and the surrounding community, who perceive the club as a fundamental part of the neighborhood's identity. This study is based on a literature review and a qualitative case study approach, exploring the relationship between football, tradition, and modernity. The findings indicate that resistance to SAF at Juventus is driven by the club's deep-rooted connection to Mooca's history and its working-class and immigrant traditions. The study concludes that preserving this identity transcends economic aspects, representing a form of resistance against the commercialization of football and the loss of its collective memory. The case of Juventus exemplifies the challenges faced by clubs seeking to balance tradition and modernization in a context of structural transformations in Brazilian football.

Keywords: Football. Place. Tradition. Resistance. Modernization.

Introdução

Com o advento de práticas modernas de gestão e os incrementos técnicos e científicos que deveriam nortear boas práticas nos departamentos que chefiam o futebol nos clubes, muitos times tradicionais brasileiros acabaram ficando para trás em seu nível de competitividade. O modelo de gestão comumente aplicada nos clubes tende a ser passionalizado e amador, visto que quem exerce o comando técnico e administrativo das equipes é um torcedor associado eleito pelos seus pares que, com raras exceções, pouco conhece das particularidades do futebol. Na esteira desse processo, as indicações para os departamentos técnicos que compõem o futebol profissional também passam pelos acordos políticos necessários ao pleito, o que resulta, normalmente, em dirigentes amadores com pouca ou nenhuma qualificação técnica para o assunto.

A falta de um modelo de gestão profissional levou os grandes clubes brasileiros ao superendividamento. Ao mesmo tempo, os clubes que primeiro conseguiram sair dessa situação de estrangulamento financeiro, especialmente Flamengo e Palmeiras, acabaram, gradativamente, abrindo distância técnica dos demais. O cenário de flerte com a falência e de falta de competitividade desportiva abriu espaço para a chegada de uma nova esperança: a SAF.

A "safização" é um termo recém-cunhado no léxico desportivo brasileiro, que remete ao movimento de uma quantidade expressiva de clubes de futebol brasileiros que migram para uma nova natureza jurídica: a Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

A Lei nº 14.193, de 6 de agosto de 2021 (Brasil, 2021), instituiu no Brasil a figura jurídica das Sociedades Anônimas do Futebol, popularmente conhecidas como SAFs. Em tal modelo, clubes associativos (natureza que representava quase a totalidade dos clubes de futebol no Brasil) poderiam privatizar o futebol, vendendo-o para investidores ou conglomerados, nacionais ou internacionais, em um processo decisório que competiria a cada time.

No Brasil, ano após ano, o número de SAFs na primeira divisão aumenta: em 2022, 2 clubes iniciaram a competição como SAF; em 2023, foram 6 clubes; já em 2024, 7 clubes eram SAF quando a bola começou a rolar. Em todo território nacional,

conta-se hoje com 63 SAFs filiadas à Confederação Brasileira de Futebol (Aquino, 2024).

Embora o cenário de privatização do futebol pareça uma tendência irrefreável, um caso aparentemente isolado chama a atenção: o Juventus da Mooca. Mesmo estando aquém dos patamares mais altos do futebol nacional, uma parte expressiva da torcida do Clube Atlético Juventus se manifesta contrária à ideia de privatizar o clube. Abrir mão da chance de se tornar competitivo tem uma contrapartida que é, para esses juventinos, mais importante que títulos ou dinheiro.

Outrossim, esse artigo objetiva compreender o movimento de resistência de parte significativa do Juventus ao processo de safização do clube. Para tal, utiliza como metodologia a revisão bibliográfica e o estudo de caso, tendo em vista que:

> O estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um determinado contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos, desta forma, enfrenta-se uma situação tecnicamente empírica em que haverá variáveis na catalogação e análise de dados visando alcançar resultados. (Melo Júnior; Morais, 2018, p. 27)

Na primeira seção, apresentamos as Sociedades Anônimas do Futebol como uma tendência predominante no exterior e no Brasil, citando os casos nacionais e delineando os fatores conjunturais que levaram os clubes ao modelo privado.

Em seguida, exploramos o impacto da "safização" sob a perspectiva histórica e sociocultural, com especial atenção à relação entre identidade, pertencimento e a resistência ao modelo empresarial dentro do contexto do Clube Atlético Juventus. Para isso, investigamos a influência da imigração italiana, da industrialização e do operariado na formação do bairro da Mooca e sua conexão com o time.

Posteriormente, analisamos a resistência da torcida juventina e de outros grupos sociais à privatização do clube, buscando compreender como a defesa da tradição e da identidade local se contrapõe às demandas contemporâneas do futebol empresarial.

A base epistemológica deste trabalho se apoia nos escritos de Marc Augé, Stuart Hall, David Harvey e Anthony Giddens. Nos valemos desses autores para discutirmos

os conceitos de tempo, espaço, modernidade, pós-modernidade, sobremodernidade e tradição.

A safização do futebol: um cenário global emergente

A difusão nacional do esporte bretão, popularmente conhecido como futebol, passou pelo papel ativo dos clubes associativos que o incorporaram ao seu itinerário de atividades. Embora inicialmente restrito a seus membros, rapidamente o futebol pulou o muro dos clubes para ser praticado, ainda que de modo adaptado, nas ruas e terrenos das periferias do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo:

> Na primeira fase histórica do esporte em território nacional, entre os anos de 1890 e 1910, o caráter excludente dos clubes associativos, que detinham os espaços e equipamentos adequados para o jogo, fez com que a população das classes sociais inferiores replicasse o esporte bretão de forma adaptada: em vez da bola de couro, bola de trapo; em vez do gramado, o chão batido da rua. (Gomes; Pacífico, 2024, p. 213)

A popularização do esporte, especialmente com a ascensão da seleção brasileira e do primeiro ídolo nacional, Leônidas da Silva (Ribeiro, 2000), fez com que o mesmo chegasse de forma definitiva à cultural nacional, sendo hoje um dos elementos centrais da nossa identidade e do nosso lugar: Brasil, o país do futebol. Mesmo para os não aficionados, eventos como a Copa do Mundo costumam contagiar a população nacional, produzindo um senso de união e pertencimento raramente experimentado em outros momentos do ano.

A difusão do futebol para além dos clubes, por sua vez, não impediu que eles exercessem papel central na articulação do futebol profissional: de suas sedes nasceram as principais agremiações do esporte, que até o começo dos anos 2020 detinham quase a totalidade dos times no Brasil.

Com um modelo flexível, os clubes que enveredaram pela via da privatização encontraram interessados, arbitraram valores e a porcentagem do clube que estaria envolvida em cada negociação. Entre os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, o Cuiabá Esporte Clube (Costa, 2023) foi o primeiro a aderir ao modelo. Todavia, a transição do time mato-grossense foi menos abrupta devido à sua natureza original como Clube Empresa, um modelo distinto, mas também privado. Em seguida, clubes

associativos tradicionais, como Botafogo, Vasco e Cruzeiro seguiram o mesmo caminho, colhendo valores financeiros e resultados esportivos bastante distintos (Magatti, 2023). Enquanto o Botafogo venceu o Campeonato Brasileiro de 2024 e conquistou o inédito título da Libertadores da América, o Cruzeiro e o Vasco continuam sem títulos de expressão.

Outro aspecto importante da implementação do modelo de SAF é o financeiro. Nesse sentido, os clubes supracitados também encontraram caminhos e valores distintos: o Botafogo, que vendeu 90% ao *Eagle Football Holdings Limited*, presidido por John Textor, arrecadou 1,4 bilhão de reais (Dutra, 2022) em sua transação. Já o Cruzeiro foi arrematado por 400 milhões de reais pelo ex-jogador Ronaldo (Globo Esporte, 2022), que já revendeu o clube para o empresário Pedrinho BH. O Vasco, por sua vez, foi vendido por 1,428 bilhão de reais (Abrahão; Parrela, 2022) para a 777 Partners e, após não receber parte do valor acordado, retomou o controle do clube via liminar (Almeida, 2023).

A implementação de modelos privados de futebol não é uma prática que tenha se originado no Brasil. Nas principais ligas do mundo, muitos clubes tradicionais abandonaram o modelo associativo. Na Premier League, por exemplo, os seis grandes clubes (Manchester United, Manchester City, Arsenal, Tottenham, Liverpool e Chelsea), chamados de *Big Six,* são propriedades privadas, tendo o Manchester United, inclusive, ações ofertadas na Bolsa de Valores de Nova York (Brown; Cabral, 2006). Da mesma forma, a Itália tem seus maiores clubes privatizados (Inter, Milan e Juventus), assim como a França (PSG e Olympique Lyonnais) e Portugal (Benfica, Porto e Sporting). No contexto do futebol europeu, dentre os clubes mais competitivos, Barcelona, Real Madrid e Bayern de Munique ainda se mantêm por meio do modelo associativo. Além disso, a *Major League Soccer* (MLS/EUA) norte-americana é uma liga completamente formada por clubes privados.

A respeito do entendimento amplo a respeito da aceitação da SAF na esfera dos clubes e pelo fato de um grande número de clubes tê-la adotado entre dezembro/2021e janeiro/2022, é importante ressaltar dois pontos que consideramos causas influenciadoras da decisão dos clubes em se tornar SAF.

A primeira, muitas vezes negligenciada, era o risco, já percebido por alguns jornalistas, que o futebol brasileiro caminhava para um processo de espanholização, ou seja, a concentração dos principais títulos na mão de poucos clubes (Gomes, 2021). Se tomarmos como referência o período de 2015 a 2021, em sete anos, quatro times sagraram-se campeões da série A do campeonato brasileiro e três deles ganharam o título duas vezes cada um. Se nesse mesmo período olharmos as posições dos três primeiros colocados, o que nos dá um universo de 21 possibilidades, apenas dois times, Flamengo e Palmeiras, ocuparam dez dessas posições, demonstrando que aquela máxima, de que o encanto e a dificuldade do campeonato brasileiro era que muitos times poderiam ser campeões, poderia estar definitivamente com os dias contados. Como Flamengo e Palmeiras remetiam à ideia de grandes patrocínios e à gestão adequada do futebol, a transformação de vários times em SAF poderia ser, de fato, uma maneira de retomar o equilíbrio do campeonato brasileiro.

A nosso ver, esse temor de ser rebaixado para uma segunda prateleira dos maiores times do Brasil já fazia parte das preocupações de grandes clubes que, de certa maneira, podiam ser considerados decadentes ao final dos anos 2020. Dito de outra maneira, parecia que alguns times monopolizariam os títulos enquanto outros seriam meros coadjuvantes.

O declínio de desempenho de clubes outrora dominantes no cenário nacional, observado no final dos anos 2010, e a consequente migração para o modelo de SAF foram fortemente influenciados pelo endividamento dessas instituições. Muitos times estavam sem folga nas receitas mensais para cobrir as despesas recorrentes e o pagamento das dívidas há muito tempo contraídas. O mecanismo de criação da SAF dava a condição de o time passar a ter um saldo mensal em conta para quitar as dívidas a partir das receitas oriundas da privatização do futebol. A rigor, clubes como Cruzeiro, Vasco e Botafogo, caminhavam para a falência e a SAF era vista como uma tábua de salvação. Não à toa, tão logo o Cuiabá inaugurou o modelo, quase que imediatamente Cruzeiro e Botafogo migraram para essa forma de gestão.

Além dos times grandes que poderiam ser considerados decadentes ao final dos anos 2010, é perceptível que há um outro grupo específico de clubes que aderiram à SAF: clubes do que podemos chamar de periferia do futebol brasileiro, ou seja, clubes mais ou menos consolidados, mas que ocupam posições de baixo da tabela da primeira

divisão ou que lutam nas divisões inferiores para mudarem seu status. Enquadram-se nessa categoria clubes como Cuiabá (MT), América (MG), Fortaleza (CE), Bahia (BA) e Novorizontino (SP). O Bragantino (SP) poderia ser colocado nesse grupo, mas a maneira como firmou parceria com a marca *Red Bull*, o categoriza como clube-empresa, e a análise escapa do escopo deste trabalho.

Indagamos, diante desse cenário, quais seriam elementos motivacionais que levariam esses dois tipos de time, os grandes decadentes e os pequenos organizados, a aderirem à SAF. A nosso ver, a maneira como enxergam o tempo: os grandes precisam da SAF para recuperar uma posição de destaque que possuíam em um passado recente a fim de desespanholizar o campeonato nacional. Os pequenos possuem um olhar voltado para o futuro a fim de que o passado não torne a repetir. Portanto, uns querem o passado e outros querem o futuro. Portanto, o que, a rigor, diferencia esses dois grupos, é a expectativa diante do tempo.

Voltando à questão do Moleque Travesso - apelido que designava o clube e que foi criado pelo jornalista esportivo Tommaso Mazzoni, pelo fato de que o time da Mooca ser costumeiramente um adversário difícil para os times tradicionais, especialmente o Corinthians (Manto Juventino, 2023) - em que sua torcida, ao menos a organizada, parece optar por manter a identidade em vez de se tornar competitivo, novamente a questão do tempo se faz presente.

Nesse caso, também remete ao passado, mas a nosso ver não diz respeito a retornar ao que era em um passado mais ou menos recente, como o dos clubes decadentes. O passado aqui é um pouco mais distante, e relacionado à tradição. Percebe-se, a nosso ver, que uma abordagem da questão, e da própria resistência à transformação em SAF, demanda uma reflexão a respeito do tempo e da tradição. Trata-se de discutir, a rigor, o próprio conceito de modernidade e sua superação, a chamada pós-modernidade, e como conceitos de tradição e tempo também precisam ser analisados para entender a maneira como esses dois períodos históricos influenciam a maneira de pensar dos clubes, isto é, de seus dirigentes e torcida. Mas antes de destacarmos esse ponto, faz-se necessário conhecer a Mooca, bairro em que o Juventus está sediado.

A Mooca que parla, a Mooca que luta: imigração italiana, industrialização e movimento operário na construção da identidade local

A partir de 1887, o Brasil, e especialmente a cidade de São Paulo, passa por um processo de transformação intenso, protagonizado pelo fluxo imigratório. A combinação dos interesses do Estado em fomentar a colonização para fins produtivos com a complexa rede de acontecimentos políticos na Europa, que culminaram na Primeira (1914-1918) e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), além da ascensão de regimes totalitários e sua decorrente barbárie, fizeram com que três milhões de imigrantes viessem ao Brasil (Seyferth, 2007).

Os impactos decorrentes de um processo profundo de transformação da cidade de São Paulo podem ser representados pelos números: em 1890, portanto antes do processo de imigração, a população da cidade era de 65 mil habitantes; ao final dos anos de 1920 São Paulo chegava aos impressionantes 560 mil habitantes (Pacheco e Patarra, 1997).

As profundas transformações na dinâmica social paulistana do início do século XX refletiram diretamente na ocupação do espaço geográfico. A cidade, que recebeu um grande fluxo de imigrantes, construiu sua identidade a partir da diversidade de culturas que passaram a coexistir. No entanto, devido à expressiva presença de imigrantes italianos nesse processo – aproximadamente 1,5 milhão (Mazer, 2014, p. 4) –, os italianos tiveram uma influência que se tornou especialmente marcante na formação cultural e urbana de São Paulo.

Dentre os bairros formados pelos imigrantes italianos na capital paulista, um em especial diz respeito à nossa temática investigada: a Mooca.

No início do século XXI, o Brasil adentra uma nova fase de sua trajetória como sociedade pluriétnica, desafiando a noção amplamente difundida de uma suposta harmonia racial ou étnica. Esse mito da "democracia racial" - frequentemente associado à cordialidade nacional, ao sincretismo cultural e à miscigenação - sempre se sustentou em um triplo mecanismo histórico de apagamento da diferença: a integração compulsória no âmbito social, a assimilação no plano cultural e a miscigenação no

campo biológico. Agora, esse modelo dá lugar a um período em que diferentes grupos populacionais revisitam e ressignificam suas identidades étnicas. Essas reconstruções ocorrem após um longo processo de esvaziamento cultural, fruto de pressões diretas e indiretas que desestimularam a preservação das alteridades étnicas ao longo do tempo.

Na cidade de São Paulo, essa diversidade se manifesta em bairros historicamente marcados pela imigração italiana, onde gerações de descendentes mantêm vínculos com suas origens. Um dos exemplos mais emblemáticos desse fenômeno é a Mooca, cujo desenvolvimento reflete a complexidade desse processo. O bairro surgiu a partir do desmembramento de antigas chácaras e sítios situados nas áreas planas próximas ao rio Tamanduateí, no sopé da colina onde se formou o núcleo colonial da cidade. Essa localização estratégica fez da Mooca um ponto de passagem essencial para as antigas estradas que conectavam São Paulo ao litoral e ao Rio de Janeiro, especialmente a ferrovia São Paulo Railway. No final do século XIX, essas mesmas rotas facilitaram a instalação de ferrovias, impulsionando a chegada das indústrias e moldando o perfil operário do bairro, que passou a abrigar a crescente população de trabalhadores (Pereira, 2017, p152).

No mar de imigrantes italianos que chegavam a São Paulo buscando melhores condições de vida estava Rodolfo Crespi, que havia saído de seu país natal com quase nenhum dinheiro e uma passagem de terceira classe em um navio (Pacciarotti, 2020). Após se casar com a filha da abastada família Regoli e ser bem sucedido nas suas exportações de produtos italianos para o Brasil, Crespi, que seria mais tarde nomeado Conde pelo próprio Mussolini (Pacciarotti, 2020), inaugurou em 1897 a Indústria Têxtil Cotonifício Rodolfo Crespi, empresa que chegou a empregar mais de 6 mil funcionários na região da Mooca.

Para além de se tornar um marco econômico da região da Mooca, a Indústria Crespi também foi palco de um movimento histórico bastante singular. Nos anos de 1917, as condições de vida dos trabalhadores eram fadadas “ao círculo vicioso: trabalho extenuante - custo de vida alto - baixos salários - necessidade de sobrevivência” (Santos, 2018, p.22). A precarização da vida do proletário gerou formas de associação inspiradas no anarquismo em que, sediadas no prédio da Liga Operária do Bairro da Mooca, os trabalhadores, em sua grande maioria mulheres, organizaram uma greve geral sem precedentes até aquele presente momento. O movimento conhecido como

Greve Geral de 1917 foi iniciada dia 8 de junho com a reivindicação de 20% de reajuste salarial para os empregados. Mesmo após ameaças de demissão em massa, repressão policial e até a morte do militante espanhol José Gimenez Martinez, as manifestações só ganharam mais força, tomando espaço em outras indústrias também, como a Fábrica do Ipiranga (Toledo, 2017). Após tais conflitos, foi articulada uma rodada de negociações entre os líderes do movimento grevista e os industriais, na qual a reivindicação original de 20% de aumento foi atendida, além do compromisso de não se demitir ou se punir criminalmente os envolvidos na greve.

Dentre as melhorias nas condições de vida dos operários está a criação de um clube associativo, lugar onde foi inaugurado o campo de futebol atualmente chamado Estádio Conde Rodolfo Crespi. Ali, a partir da prática do esporte pelos operários e seus familiares, criou-se o Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube, em 20 de abril de 1924. Essa relação entre clubes operários e clubes de futebol foi uma tônica da cidade de São Paulo:

> Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo do jogo. Logo, só o intervalo para o almoço já não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana. (Antunes, 1994, p.104)

Já em 1930, por iniciativa do próprio Rodolfo Crespi, o clube passou a ser chamado de Clube Atlético Juventus. O nome e a escolha pela cor grená do uniforme foram formas de homenagear a colônia italiana tão marcante na construção do bairro: Juventus remete à Juventus de Turim, tradicional time italiano; a escolha da camisa grená, por sua vez, imita as cores da Torino e foi uma tentativa de se diferenciar dos vários clubes de futebol que utilizam preto e branco em seus uniformes (Manto Juventino, 2024).

As tensões trabalhistas travadas entre a classe operária organizada e seus patrões, a imigração italiana, o caráter operário e o futebol juventino foram os principais elementos constitutivos do então emergente bairro da Mooca. A natureza desses episódios históricos traçou formas específicas da organização da vida social daquele

lugar, constituindo a identidade do bairro, mas também de seus moradores. As lutas daqueles que atravessam o oceano para buscar uma vida melhor em um país desconhecido, assim como aqueles que se organizam na reivindicação de condições dignas de trabalho e renda forjaram a cultura do bairro da Mooca e também inspira o espírito de seu filho travesso, o Clube Atlético Juventus.

Cannoli do seu Antônio, presente! lugar e resistência no caso do Juventus da Mooca

Como vimos na seção anterior, a amálgama da imigração italiana, da indústria e do proletariado combativo inspiraram o nascimento do Juventus. Sua existência extrapola o sentido futebolístico, mas é a conjugação da própria identidade da Mooca. Como explica Hamilton Kuniochi, mesmo aqueles moradores do bairro que não acompanham intensamente o futebol, ainda assim levam nos adesivos de seus carros ou em suas roupas o logo do Moleque Travesso (Pensamento em Gotas, 2025) A ostentação do símbolo não é aqui uma demonstração de engajamento com o resultado esportivo do time; é, por sua vez, um signo de identidade que comunica: sou da Mooca.

A valorização da Mooca enquanto lugar parece ser constituída de uma força opositora ao contínuo movimento da sobremodernidade, em produzir não-lugares (Augé, 1994). Em sua obra Não-lugares, Marc Augé (1994) propõe uma distinção entre os espaços carregados de significados, relações sociais e história (lugares) ante aqueles que se caracterizam pela transitoriedade, impessoalidade e anonimato (não-lugares).

Os lugares são marcados por três elementos fundamentais "caracteres identitários, relacionais e históricos. O conjunto destes expressa a produção de experiências, uma vez que, contendo identidade e relação, o lugar antropológico também é histórico" (Martinez; Pacífico, 2022, p. 38). São espaços onde a memória sedimenta-se e as interações sociais constroem um sentido de pertencimento ao coletivo e ao próprio espaço físico. Os não-lugares, por sua vez, são definidos pela efemeridade, pela estética pasteurizada e pelo distanciamento. Um aeroporto, uma rodovia, uma franquia de *fast food* ou um *shopping center* são exemplos emblemáticos: neles, os indivíduos transitam sem estabelecer laços duradouros ou construir memórias coletivas:

> O dito lugar, que é o espaço onde cada pessoa se identifica e toma posse do ambiente em uma relação de pertencimento-pertencente, é também o momento em que cada um se encontra consigo mesmo, produzindo sua identidade compartilhada com os outros, em um ambiente em que se têm histórias construídas e ligações, com ensinamentos dos antepassados e da própria cultura. Ao olhar desatento, o não-lugar se assemelha com o lugar, todavia imprime uma diferença substancial, visto que o lugar é o ambiente em que as pessoas consideram parte de si, por reconhecerem ali sua identidade, relações e história. (Martinez; Pacífico, 2022, p. 38)

Enquanto produtora de valor, a escassez induz à repercepção do espaço e do tempo. Nesse sentido, em um mundo sobremoderno, a proliferação de não-lugares faz do bairro da Mooca um valoroso *lócus* de resistência. Enquanto muitos bairros da grande cidade são formados por prédios altos e cinzentos, com lojas multinacionais invadindo suas galerias, tornando-os similares a uma metrópole qualquer do mundo, na Mooca as cantinas italianas, as ruas estreitas e os antigos galpões industriais convertem-se em marcos de memória, diferenciando o bairro dos espaços genéricos e massificados. Dentre os espaços que produzem a identidade visual do bairro, destaca-se o estádio Conde Rodolfo Crespi, também conhecido como estádio da rua Javari.

O estádio, com sua arquitetura e visual que preservam as características fundamentais da época de sua inauguração, conta a história do próprio bairro, permitindo um resgate vivo de um passado tão protagonista da identidade daquelas pessoas. Seu estádio é um microcosmo da Mooca: pequeno, tradicional e profundamente vinculado à memória coletiva de seus torcedores. Ir ao jogo do Juventus não é apenas assistir a uma partida de futebol, é partilhar aquilo que as gerações antepassadas vivenciaram, no mesmo espaço e pela mesma mediação ritualística: o futebol. A magia da vivência juventina propicia a sensação de continuidade e identidade, driblando as fronteiras do tempo ao permitir que tataravôs e tataranetos comunguem da mesma experiência, no mesmo lugar e com a mesma camisa grená.

A valorização dos rituais transtemporais vivenciados na Javari se materializa em uma única pessoa: Seu Antônio. Antônio Pereira da Silva, popularmente conhecido como Antônio Cannoli, é um senhor de quase 75 anos que há 65 vende seus cannoli no estádio Crespi. O tradicional doce italiano, que consiste em uma massa folhada

cilindrica, com recheio e polvilhada de açúcar, é parada obrigatória para quem vai assistir o Juventus. Ali, ao levarem seus filhos e netos para o ritual adocicado de iniciação juventina, torcedores que foram levados por seus pais e avós passam o bastão do tempo para as novas gerações. O mesmo doce, do mesmo senhor, no mesmo cenário:

> Se o leitor nunca foi a um jogo na Rua Javari, recomendo que vá. Eu estive lá na derrota do time para o São Caetano e foi como uma viagem no tempo: o placar é de madeira, não tem refletores de luz (a promessa é que sejam instalados se alguém comprar o clube) e tem um senhor de 74 anos vendendo cannolo —ou cannoli, no plural, como é mais conhecido o doce típico siciliano. Ir a um jogo do Juventus é perceber que não é sobre ganhar ou perder, mas sobre pertencer. Essa é a beleza e a riqueza deste e de tantos clubes espalhados pelo Brasil. E isso não tem preço. (Tironi, 2024)

Como bem expressa Eduardo Tironi, a venda do Juventus para investidores significaria passar a tutela da história, da identidade, dos rituais e da memória que fazem da rua Javari um lugar. Não há garantias, no caso da venda do clube, que seu novo dono não levará o time para outra cidade - como ocorreu com o Grêmio Barueri -, ou mudará seu escudo - como ocorreu com o Boavista -, ou suas cores - como o Cardiff City, que era vermelho e virou azul -, ou até mesmo o seu nome - como o Monarcas que agora chama Mazatlán. Pela lógica do capital, o que seria mais rentável: assinar um contrato com uma franquia de *fast foods* ou a barraca de cannoli do Seu Antônio?

Ante a possibilidade de ser mais competitivo e a volumosa quantia em dinheiro que tem sido a tônica das safizações pelo Brasil, a torcida juventina, em sua maioria, parece ter feito a sua escolha: a tradição.

Mooca: moderna, tradicional e pós-moderna

O termo tradição, aparentemente simples, carrega certa complexidade. Ao se recorrer ao dicionário, encontramos a ideia de costume arraigado, intergeracional e relacionado a uma região específica, ou seja, uma espécie de "herança cultural" (Tradição, 2025). Dito de outra maneira: algo que é como sempre foi e, portanto, perene.

Segundo Hall (2006), entretanto, tradições, analisadas por ele na forma de culturas nacionais, não são eternas e tampouco existem desde sempre; ao contrário,

apresentam-se na forma de discursos capazes de estabelecer significados e de influenciar até a percepção que temos de nós próprios e, como consequência, de construir identidade. Indica que há cinco etapas para se construir o que chama de "comunidade imaginada" (Anderson, 1983 *apud* Hall, 2006), e a própria ideia de construção carrega consigo a ideia que não existiu desde o começo.

A primeira etapa se constitui na forma de narrativa que é sempre relembrada; a segunda como algo que relacionado à origem da própria instituição e, portanto, atemporal e imutável. A terceira maneira de se estabelecer a comunidade imaginada é por meio da própria invenção da tradição, tendo como base a ideia que em algum momento determinada narrativa foi criada, mas a partir daquele ponto em diante, esquece-se de quando foi criada, o que ajuda a sedimentar a quarta forma de estabelecimento da tradição, que é a ideia de mito de origem. Por fim, a ideia de pureza e que remete à ideia da existência de um povo puro, lá na origem criação da comunidade (Hall, 2006).

Todas essas características, com mais ou menos intensidade, estão presentes no imaginário do que seria um Juventus. Tomando como referência o moleque travesso, símbolo que o identifica, é algo que é sempre lembrado e rememorado, perde-se no tempo de quando se iniciou essa prática de derrotar os grandes, de forma que a própria invenção do conceito, imbricado na ideia de mito de origem, cria a perspectiva de que desde o começo o Juventus fosse uma espécie de Robin Hood do futebol, e construído por um povo único e singular: os operários descendentes de italianos, habitantes da Mooca. Tradição parece ser um sinônimo para Juventus.

Entretanto, se por um lado isso vai de encontro à ideia de que a tradição não encontraria espaço na modernidade, afinal, conforme aponta Giddens (1991), as rotinas da vida moderna não encontram uma ligação com o passado, por outro lado o mesmo autor argumenta que não é possível afirmar que a tradição não encontre espaço na modernidade e qualquer generalização no sentido de mostrar essa desconexão entre tradição e modernidade se mostra temerosa.

Isso porque Giddens (1991) associa modernidade a um "[...] estilo, costume de vida, ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência" (p. 11). Nessa

perspectiva de modernidade, o Juventus é dela um representante significativo, na medida em que nasce em um bairro industrial, marca dessa modernidade e assim, de certa maneira, reproduz em escala diminuta a relação do trabalhador com o futebol, como ocorreu, por exemplo, na Inglaterra no final do século XIX em que, indica Hobsbawn (2000), a distribuição geográfica dos times de futebol no final do século XIX refletia a localização das cidades industriais inglesas. Interessante notar que o Juventus é representante tanto da modernidade por meio de uma classe operária, quanto da tradição.

Ainda analisando as características da modernidade, Giddens (1991) destaca a importância da reflexividade nessa etapa do desenvolvimento humano, e diz respeito à situação em que "as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre essas próprias práticas" (p. 45), de forma que, dito em outras palavras, o agente da ação estará sempre avaliando sua conduta buscando readaptá-la conforme exigido pela situação.

Por entender que a reflexividade dos agentes é parte integrante do ser humano, enquanto nas comunidades pré-modernas a tradição é uma referência balizadora da ação – ou seja, faz-se assim porque sempre foi feito dessa maneira -, na modernidade seria o conhecimento obtido a partir da contínua reflexão da ação o que validaria a prática, em um período histórico que a tradição não esteja completamente descartada (Giddens, 1991). Portanto, se o conhecimento validador for o resultado de uma partida de futebol em que o moleque travesso tenha vencido algum time grande, a tradição seria renovada pois, conforme aponta Giddens "Ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema" (1991, p. 45), numa espécie de moto-contínuo de reforço.

O mal-estar da tradição na modernidade é que a própria dinâmica da modernidade impõe mudanças no espaço o que afeta fortemente a tradição. A Mooca sofreu esses impactos também, afinal, como apresentam Vitiello *et al.* (2019), já não é mais o bairro industrial que recebeu imigrantes italianos após a Primeira Guerra Mundial e tampouco o local de casas e vilas operárias. As fábricas foram demolidas e novas construções mudaram a cara do bairro a partir do *boom* imobiliário na primeira década deste século. Houve um adensamento urbano graças à verticalização das moradias, o que fez o bairro sair da casa dos 63 mil habitantes em 2000, para quase 76 mil em 2010, para cerca de 81 mil habitantes em 2015.

Mas não foi apenas a arquitetura do bairro que mudou: os novos empreendimentos imobiliários promoveram uma alteração significativa no perfil sociocultural dos moradores: "[...] se antes havia a preservação das tradições, da memória do bairro, com o convívio de vizinhança e conversa à porta de casas assobradadas, há agora uma ruptura gerada por altas edificações cercadas por muros, que "devora a afetividade provinciana" do bairro da Mooca" (Vitiello *et al.*, 2019, p. 182).

A rigor, o trecho acima é, por si só, parte da construção de uma "comunidade imaginada". É o que Sales Pereira (2017, p. 160) chama de "tradição inventada", isto é, de que a Mooca seria um "bairro-nação" italiano. De fato, aponta que as tradições italianas são até bem recentes: como exemplo, a festa de San Gennaro foi criada em 1973 e o hino e brasão do bairro são de 1991. Ou seja, a tradição não é tão antiga como em geral as pessoas pensam.

Depara-se aqui, portanto, com um choque de cultura: a Mooca e seus moradores, herdeiros da tradição operário-italiana que foi sendo paulatinamente construída e que se encontra estabelecida como comunidade imaginada pelos seus moradores ao final do século XX, vê a chegada de uma nova população, afinal, conforme nos apresenta Sales Pereira (2017) mais de 90 condomínios verticais construídos foram construídos entre 1993 e 2009. Tomando como referência o clube, é como se o Juventus, nascido na Mooca moderna – isto é, industrial –, mas que se tradicionalizou ao longo do tempo, se deparasse com uma terceira mudança: uma invasão populacional que afetou o bairro e seus moradores. E não foi uma pequena mudança, pois um bairro secular como a Mooca teve um incremento populacional de quase 30% da população nos 15 primeiros anos do século XXI.

Essa mudança afetou marcadores importantes: o espaço foi alterado, tanto pelo aumento populacional, quanto arquitetonicamente. Consequentemente, a tradição veio a sofrer impactos. Vale notar que como a tradição é associada a períodos pré-modernos, essa explosão demográfica acaba por produzir uma segunda modernidade na Mooca. Porém, como essa segunda modernidade não vem acompanhada pelos símbolos da primeira, como a questão das fábricas, que foram demolidas para receberem os empreendimentos imobiliários, tomamos a liberdade de associar essa mudança ao que seria a entrada da Mooca na pós-modernidade.

O que diferenciaria a modernidade de sua superação, a pós-modernidade, é, segundo Giddens (1991) e Harvey (2001), a maneira como esses períodos históricos lidam com os conceitos de tempo e espaço. Enquanto para Harvey ocorreu uma compressão espaço-tempo, para Giddens tempo e espaço se separaram no estágio presente do que seria essa pós-modernidade.

Para Harvey (2001), o fenômeno da compressão espaço-tempo pode ser entendido como uma aceleração ou encolhimento do tempo de execução das atividades, sobretudo as relacionadas ao modo de produção capitalista nos seus processos de criação e manufatura, ou seja, as inovações vão sendo aceleradas, ao mesmo tempo em que se encolhe o tempo de vida útil dos produtos. Em outras palavras, de maneira cada vez mais rápida, novas mercadorias são lançadas ou atualizadas, ao mesmo tempo em que, dada a velocidade contínua de criação e recriação, mais e mais produtos inundam o mercado, a ponto de acelerar a obsolescência dos produtos existentes que vão sendo cada vez mais rapidamente substituídos.

Vale notar que não estamos apostando no conceito puro de obsolescência programada, tão caro ao filósofo István Mészáros (2011). Entendemos que a taxa de utilização decrescente no capitalismo como esse autor advoga, reduz o tempo de vida das mercadorias, mas criticamos a ideia de obsolescência planejada, muitas vezes tratada como um plano – pensado de maneira racional – de aceleração do envelhecimento prematuro das mercadorias. A leitura que fazemos de Harvey e de seu conceito de compressão espaço-tempo, é que a inovação é a consequência do processo de aceleração – ou seja, da compressão espaço-tempo –, que, como consequência, acelera a obsolescência das mercadorias sem que fosse algo planejado de antemão, como uma leitura vulgar de Mészáros pode levar a entender. Ocorre de fato "o abandono ou o aniquilamento de bens e serviços que oferecem um potencial de utilização intrinsecamente maior" (Mészáros, 2011, p. 670), mas muitas vezes como resultado de inovações que surgem após o desenvolvimento da mercadoria original.

Já para Giddens (1991), a ideia de separação entre tempo e espaço é mais fácil de ser compreendida se tomarmos como referência a maneira como tempo e espaço se comportavam em épocas pré-modernas. Antes da Revolução Industrial, tempo e espaço, ou melhor, tempo e lugar, eram quase sinônimos, afinal, não era possível informar o horário do dia sem que estivesse referenciado a algum lugar. Entendemos que, por

exemplo, se um indivíduo informasse que choveu ontem no meio da tarde, certamente seu interlocutor poderia afirmar que ele se molhou, pois no meio da tarde ele estaria invariavelmente no meio da sua lavoura sem ter como se proteger da chuva. Dito de outra forma, o horário determinava o local em que se estava.

A modernidade, segundo Giddens (1991), separou essas variáveis a ponto de o tempo passar a ser socialmente definido. Por exemplo, imagine o trabalho no campo e o trabalho na indústria: enquanto em eras pré-modernas o clima influenciava a localização do agente, como no caso de uma chuva forte que viesse a impedir o trabalho, a sirene de início do expediente na fábrica faz com que os operários estejam lá faça chuva ou faça sol.

Outra mudança significativa para esse autor é que enquanto em etapas pré-modernas "[...] as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos dominadas pela 'presença' – por atividades localizadas" (Giddens, 1991, p. 27), isso deixa de ocorrer na pós-modernidade. Ele afirma que "O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros 'ausentes', localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face" (Giddens, 1991, p. 27). Para exemplificar, considere uma intervenção na Mooca, como a construção de uma casa. Em etapas pré-modernas, as partes interessadas, isto é, construtor, dono do terreno e futuro morador, estariam frente a frente decidindo local de paredes e coisas do tipo. Agora, no período pós-moderna, muitas dessas decisões ocorrem distanciadas tanto das pessoas, como do próprio lugar onde essas mudanças ocorrerão.

Isso foi materializado na aprovação do novo Plano Diretor do município de São Paulo realizada em 2002. Foi essa mudança, aprovada pela Câmara Municipal, que permitiu a construção de edifícios com mais de 30 andares em condomínios fechados (Sales Pereira, 2017). Da mesma maneira como uma empresa pode decidir pela manutenção ou fechamento de uma fábrica localizada em algum país situado em outro continente, sem que o *board* da empresa sequer precise visitar para conhecer o lugar, é assim que foi decidida a maneira como a Mooca seria ocupada no século XXI.

Portanto, a Mooca é uma zona de fricção, em que modernidade, tradição e pós-modernidade se encontram e se chocam. O Juventus, símbolo deste local, repercute

esses eventos que ocorrem no seu entorno e sofre também os impactos. Portanto, a implantação ou não da SAF passa também pelos interesses de diversos agentes, que não obrigatoriamente convergem.

Para compreender melhor a questão da SAF aplicada ao Juventus se faz necessário conhecer esses agentes.

A quem interessa a safização do Juventus?

Na página da Wikipedia dedicada ao Juventus (Clube Atlético Juventus, s.d.) encontra-se uma foto que mostra a torcida "Setor 2". As faixas penduradas no alambrado, todas nas cores grená e branco, e a maioria escrita no idioma italiano, representam bem a comunidade imaginada em torno do moleque travesso. Algumas exaltam a origem operária e a "italianidade" do time. Outra faixa relembra, pela data, os títulos de campeão da Primeira Divisão da Associação Paulista de Esportes Atléticos em 1929, da Taça de Prata da Confederação Brasileira de Futebol em 1983 e da Série A2 do Campeonato Paulista de 2005. Outra expressa a paixão pelo time: "*Dio come ti amo*". Acima de todas, a faixa com o nome da torcida e a frase "*La Famiglia*".

Na foto da capa do perfil atribuído à torcida no Facebook (Famiglia Setor 2, s.d.) identificamos o que provavelmente são camisetas dobradas em que o distintivo do clube aparece em destaque, uma espécie de flâmula, um pequeno totem, duas velas acesas e ao lado de cada uma delas, um cartão. No cartão da esquerda, além do distintivo do clube nomes de pessoas: Nori, Pando, A. Minhoca e Buzzeto. No cartão da direita se repete o distintivo do clube e alguns anos: 1924, 1934, 1971, 1983, 2005 e 2007.

Os nomes no cartão da esquerda remetem a ídolos do time: Clóvis Nori, que possui até um busto no clube, inaugurado em 1994 (Portal da Mooca, s.d.). José Pando, famoso por ter sofrido uma lesão em um choque com Pelé (Silva, s.d.). Antoninho Minhoca, ponta direita que jogou no Juventus nos anos 1960 (Terceiro Tempo, s.d.). Milton Buzzeto, além de ter sido jogador, é reconhecidamente o técnico mais famoso da história do time, tendo atuado nessa função por sete anos (Milton Buzetto, *s.d.*), e famoso por instituir um esquema tático defensivo, a retranca, difícil de ser vencido e que engrandeceu o mito do moleque travesso, pois recorrentemente impedia vitórias dos grandes times de São Paulo (Hiar, 2018).

As datas presentes no cartão da direita são anos de glória do time. Destacam-se a fundação do clube em 1924 e as conquistas do campeonato paulista de 1934, do paulistinha de 1971, da taça de prata de 1983, da série A2 do campeonato paulista em 2005 e da copa paulista de 2007.

A tradição parece ser a marca da torcida organizada e se posicionam de maneira contrária a implantação de uma possível SAF, aventada entre o grupo de torcedores. Entende que a SAF não é uma panaceia e representa uma iniciativa que "só atende interesses particulares, ao invés de suprir o necessário, pensando no bem da instituição Clube Atlético Juventus" (Setor 2, 2024). Se dispõem a apresentar alternativas à SAF e entendem que o problema maior se encontra na gestão do clube.

Mas a torcida organizada não é o único interessado no tema. Conforme aponta Hamilton Kunioshi, o clube social é parte interessada também, afinal, é quem sustenta o time junto com os patrocinadores. Por causa disso, há sócios que preferem que as verbas sejam destinadas às instalações do clube social em vez manter o time de futebol (Pensamento em Gotas, 2025). Sob esse prisma, entendemos que na visão desses torcedores a SAF poderia ser vantajosa para o clube social, pois a receita oriunda dessa transação aumentaria os recursos para a área social.

Entretanto, essa separação entre o clube social e o time de futebol que ocorreria com a implantação da SAF traz riscos capazes de afetar a identidade não apenas da torcida, mas do próprio bairro. A Setor 2 aventa a possibilidade de que o time de futebol do Juventus possa até sair do bairro (Setor 2, 2022), e nos parece que eles se mostram muito realistas nesse ponto, pois o processo de safização torna possível à gestora do time muda-lo de cidade, como fizeram com o já citado Grêmio Barueri. Em outro exemplo, ainda que não fosse com o esquema de SAF, o time do Guaratinguetá, sediado na cidade de mesmo nome no estado de São Paulo, mudou-se para a cidade de Americana-SP e, nesse processo, mudou o uniforme e até o mascote do time (Vnews, 2010), ainda que posteriormente tenha retornado à Guaratinguetá-SP (Globo Esporte, 2011).

É notável que, sob a perspectiva de oposição à corrente de pensamento que considera a SAF como a única solução para o futebol, Hamilton Kunioshi observa que há a manifestação de uma forma de contracultura (Pensamento em Gotas, 2025). Essa

manifestação se traduz em esforços e paixão voltados tanto ao resgate do "futebol raiz" quanto à resistência à sua mercantilização. Diante disso, torna-se complexo definir a posição da torcida organizada em relação a esse tema. Embora represente a tradição e se oponha à transformação do time em SAF, o que poderia, em última análise, reforçar um tradicionalismo conservador, ela simultaneamente busca soluções de gestão organizacional, como nas áreas de comunicação e marketing, demonstrando potencial para modernizar a administração do futebol.

Vale salientar ainda que há torcedores individuais que gostariam de ver o Juventus transformado em SAF mesmo, a ponto de discutirem com os membros da Setor 2 nos comentários de posts do Facebook, argumentando que a chegada de dinheiro novo poderia revitalizar o futebol (Setor 2, 2022).

Ainda com relação aos *stakeholders* envolvidos na questão da safização do Juventus, é importante, a nosso ver, envolver os novos moradores da Mooca que vieram com a expansão imobiliária do bairro nas últimas décadas. Acreditamos que talvez esteja nesse grande contingente populacional o elemento capaz de revitalizar o que é ser torcedor do Juventus. Se como afirma Hall (2006, p. 62), que "A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia", a ponto de chama-las de "híbridos culturais", podemos pensar na torcida do Juventus também como um híbrido, ou seja, uma matriz que integra não apenas povos diferentes e distanciados de maneira espacial ainda que no mesmo bairro, como a torcida organizada, os sócios e os dirigentes do clube social, os torcedores individuais e os novos moradores do bairro, mas também grupos sociais distanciados em tempos diferentes. Uns envolvidos em um passado de tradição e outros ansiosos pelo futuro, de forma a conectar a tradição, a modernidade e a pós-modernidade do bairro e de seus habitantes.

Isso seria possível se os novos moradores começassem a fazer parte daquela comunidade imaginada. Tomando como referência a esfera nacional, Hall (2006, p. 58) nos indica que há três elementos capazes de amalgamar "uma cultura nacional como uma comunidade imaginada: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança".

Quanto ao primeiro elemento, falta um local no bairro para proteger essa memória. Talvez o ideal fosse um museu, mas nem isso é necessário. A camisa e outros símbolos do Juventus espalhados e em destaque nos estabelecimentos comerciais da Mooca podem ser suficientes. Como aponta a Setor 2, o marketing mostra-se necessário. O desejo por viver em conjunto depende dos lugares em que as pessoas se orgulham em estar: na Mooca em si e na Rua Javari, endereço do estádio do Juventus. Já a perpetuação da herança, de bairro-nação-italiano-operário, entendemos que é mais que isso. A herança agora já não se restringe apenas ao passado que pode ser mantido como mito de origem, mas há outras conformações arquitetônicas e econômicas que já se fazem presente, como os próprios novos condomínios e seus moradores. Saber receber essa nova comunidade, pode ser a receita para recuperar a importância do time e, quem sabe, a partir dessa nova conformação social, convergir interesses, espaços e tempos tão distintos.

Considerações finais

Em um primeiro instante exploramos as Sociedades Anônimas do Futebol como um modelo em expansão tanto no Brasil quanto no exterior, destacando exemplos nacionais e analisando os fatores contextuais que impulsionaram os clubes a adotar essa estrutura privada, a saber: formas pouco profissionais da gestão dos clubes associativos, endividamento progressivo e um processo de espanholização do futebol competitivo.

Em um segundo instante, procuramos entender a ideia de resistência à implantação da SAF no Juventus a partir de um olhar de pertencimento e identidade relacionado ao lugar. Especificamente ao bairro da Mooca. A sobremodernidade tem promovido a expansão dos não-lugares, esvaziando espaços de significado e de história. No entanto, a Mooca resiste a esse fenômeno, preservando-se como um lugar antropológico por meio de sua memória, de seus laços sociais e de seus símbolos culturais. O Clube Atlético Juventus emerge como um elemento central desse processo, consolidando a Mooca como um espaço de pertencimento e identidade. Em um mundo onde a transitoriedade se impõe sobre a permanência, a Mooca e o Juventus representam uma forma de resistência ao apagamento da história, reafirmando a importância dos lugares como espaços essenciais para a construção das subjetividades e das relações humanas.

Na sequência, propusemos compreender o propósito da própria SAF tentando localizar pontos de convergência entre os que a adotaram. Localizamos dois grupos distintos: o dos grandes, porém decadentes times de futebol, e os do "meio da tabela" que almejam ganhar importância. A partir dessa análise percebemos que para esses dois grupos, a SAF enquanto salvação os posicionavam em períodos temporais diferentes: os que querem uma volta a um passado de importância e outros que buscam o protagonismo no futuro. De posse desse entendimento, fomos analisar a maneira como o Clube Atlético Juventus e a Mooca se encontram imbricados.

Descobrimos que a Mooca é uma área de fricção em que tradição, modernidade e pós-modernidade se fazem presentes. De maneira espelhada entre esses tempos históricos estão os grupos sociais no entorno do Juventus, mas com sutilezas. Por exemplo, a torcida organizada é ao mesmo tempo tradicional e com um pé na modernidade da história italiana-operária, mas também, preocupada com novas formas de gestão, que podemos dizer flexíveis, por envolver Marketing e Mídia, o que nos permite coloca-la na estante da pós-modernidade.

Vimos ainda interesses distintos em diversos públicos.

Conclui-se, portanto, que o mais importante sob o ponto de vista cultural é reaglutinar o bairro em torno da ideia de comunidade imaginada por meio do que podemos pensar em assimilação cultural dos novos moradores. Talvez isso pudesse revitalizar o time e a partir disso, pensar a questão da SAF.

Referências

ABRAHÃO, G.; PARRELA, L. *Contrato da venda da SAF do Vasco é revelado; veja os valores.* CNN Brasil, 23 ago. 2022. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/vasco-da-gama/contrato-da-venda-da-saf-do-vasco-e-revelado-veja-os-valores/. Acesso em: 8 jan. 2025.

ALMEIDA, P. I. *Vasco associativo consegue liminar, justiça afasta 777 e assume controle da SAF*. ESPN Brasil, 14 fev. 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/vasco/artigo/_/id/13665768/vasco-associativo-consegue-liminar-justica-afasta-777-assume-controle-saf. Acesso em: 17 fev. 2025.

ANTUNES, F. M. R. F. *O futebol nas fábricas*. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 102–109, 1994. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26963. Acesso em: 26 fev. 2025.

AQUINO, M. *Com 63 SAFs no Brasil, oito estados ainda não têm clubes que aderiram ao modelo; veja quais são*. GE Globo, 16 nov. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/pb/futebol/noticia/2024/11/16/com-63-safs-brasil-oito-estados-ainda-nao-tem-clubes-aderiram-modelo-veja-quais-sao.html. Acesso em: 22 fev. 2025.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Campinas:
Papirus, 1994.

BRASIL. *Lei nº 14.193*, de 6 de agosto de 2021. Institui a Sociedade Anônima do Futebol e dispõe sobre regras de constituição, governança, controle e transparência. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14193.htm. Acesso em: 10 jan. 2025.

BROWN, A.; CABRAL, R. *«Not for sale»? A destruição ea reforma das comunidades futebolísticas na aquisição do Manchester United pelos Glazer*. Análise social, p. 555-582, 2006.

CLUBE Atlético Juventus. *In:* Wikipedia, a enciclopédia livre. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_Atl%C3%A9tico_Juventus. Acesso em: 25 fev. 2025.

COSTA, G. *Clube-empresa desde a fundação, Cuiabá vira SAF e abre caminho dentre os times da Série A*. GE Globo, 18 jan. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/mt/futebol/times/cuiaba/noticia/clube-empresa-desde-a-fundacao-cuiaba-vira-saf-e-abre-caminho-dentre-os-times-da-serie-a.ghtml. Acesso em: 22 jan. 2025.

DUTRA, D. *É oficial: empresário da Premier League compra o Botafogo por R$ 400 milhões*. PressFut, 14 mar. 2022. Disponível em: https://pressfut.com/post/e-oficial-empresario-da-premier-league-compra-o-botafogo-por-r-400-milhoes/. Acesso em: 29 jan. 2025.

FAMIGLIA SETOR 2. *Página oficial*. Facebook, s.d. Disponível em: https://www.facebook.com/famigliasetor2. Acesso em: 26 fev. 2025.

FURONI, E. C. *O Cotonifício Crespi e a Greve Geral de 1917*. 2006. 74 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:

https://www.stavale.com/acervo/Monografia%20de%20Eliane%20Cristina%20Furoni%20sobre%20o%20Cotonificio%20Crespi%20e%20a%20Greve%20Geral%20de%201917.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

GLOBO ESPORTE. *Americana anuncia volta de sede e nome para Guaratinguetá*. GE Globo, 28 nov. 2011. Disponível em: https://glo.bo/tR6E8D. Acesso em: 26 fev. 2025.

GLOBO ESPORTE. *R$ 50 milhões? R$ 400 milhões? Em carta, Ronaldo esclarece valores de aporte no Cruzeiro*. GE Globo, 17 mar. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/03/17/r-50-milhoes-r-400-milhoes-em-carta-ronaldo-esclarece-valores-de-aporte-no-cruzeiro.ghtml. Acesso em: 14 fev. 2025.

GOMES, G. F.; PACÍFICO, M. 7 A 1: *Uma década depois, o que aprendemos sobre o Brasil?* História, Debates e Tendências. v. 24, n. 3, p. 205-221, set./dez. 2024

GOMES, J. *Bem-vindos à espanholização do futebol brasileiro!* Uol**,** 09 mar. 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/colunas/julio-gomes/2021/03/09/bem-vindos-a-espanholizacao-do-futebol-brasileiro.htm. Acesso em: 21 fev. 2025.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna***.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HIAR, R. Mortes: *'Doutor Retranca' fez história com um futebol defensivo*. Folha de S.Paulo, 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/mortes-doutor-retranca-fez-historia-com-um-futebol-defensivo.shtml. Acesso em: 26 fev. 2025.

HOBSBAWN, E. *Mundos do Trabalho***.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MAGATTI, R. *Quantos times do Brasileirão são SAFs? Veja lista e quem mais pode virar clube-empresa*. O Estado de S. Paulo**,** 17 jan. 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/quantos-times-do-brasileirao-sao-safs-veja-lista-e-quem-mais-pode-virar-clube-empresa/?srsltid=AfmBOorWN2sOxfAnk6WLgeHwRkCgUVFayIXOZ9QShj01Dfn4ZA4bMO6d. Acesso em: 5 fev. 2025.

MANTO JUVENTINO. *A origem do Moleque Travesso, o mascote do Juventus | Manto Juventino. Manto Juventino.* YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_8HjlZwRYk. Acesso em: 26 fev. 2025.

MANTO JUVENTINO. *A história do nome e das cores do Juventus da Mooca | Juventus 100 anos. Manto Juventino*. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pcN8Fbx10LU. Acesso em: 26 fev. 2025.

MARTINEZ, T. G. C.; PACÍFICO, M. *Seria a escola um não-lugar?* Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, Anápolis, v. 11, n. 1, p. 36-50, 15 dez. 2022. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/12877. Acesso em: 27 fev. 2025.

MELO JUNIOR, A.; MORAIS, R. *Estudo de Caso Como Estratégia de Investigação Qualitativa*
em Educação. Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.26-33.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MILTON BUZETTO. In: Wikipedia - A enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton_Buzetto. Acesso em: 26 fev. 2025.

PACCIAROTTI, J. *Rodolfo Crespi, il conte di Busto Arsizio*. ArteVarese.com, 2020. Disponível em: https://www.artevarese.com/rodolfo-crespi-il-conte-di-busto-arsizio/. Acesso em: 26 fev. 2025.

PACHECO, C. A.; e PATARRA, N. L. *Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?*. In: PATARRA, N; BAENINGER, R.; BOGUS, L. e JANNUZZI, P. (orgs). Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993. Campinas: Unicamp, 1997.

PEREIRA, V. S. *Memória Social, Imigração Italiana e Gentrificação no Bairro da Mooca.* Projeto História, São Paulo, n. 58, pp. 148-181, Jan.-Mar. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2017v58p148-181. Acesso em: 20 fev. 2025.

PENSAMENTO EM GOTAS. *Bate-Papo com Manto Juventino: Sobre o Juventus e a Mooca*. Youtube, 22 fev. 2025. 1h 05 min 59 seg. Disponivel em: https://www.youtube.com/watch?v=LY09rQzHf94. Acesso em: 26 fev. 2025.

PORTAL DA MOOCA. *Busto de Clóvis Nori – o maior ídolo juventino – completa 25 anos.* Portal da Mooca. [s.d]. Disponível em: https://portaldamooca.com/busto-de-clovis-nori-o-maior-idolo-juventino-completa-25-anos/. Acesso em: 26 fev. 2025.

RIBEIRO, A. *Diamante Eterno: biografia de Leônidas da Silva*. São Paulo: Gryphus, 2000.

SALES PEREIRA, V. *Memória social, imigração italiana e gentrificação no bairro da Mooca.* Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, *[s. l.]*, v. 58, 2017. DOI: 10.23925/2176-2767.2017v58p148-181. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30953. Acesso em: 23 fev. 2025.

SETOR 2. **O Juventus pode acabar!** Facebook**,** 2 jun. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/famigliasetor2. Acesso em: 26 fev. 2025.

SETOR 2. *Se SAF não é solução, o que fazer?* Facebook, 3 ago. 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/famigliasetor2. Acesso em: 26 fev. 2025.

SEYFERTH, G. *Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar.* In: SEYFERTH, G. et al. Mundos em movimento: Ensaios sobre migrações. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

SILVA, T. Pando - *Ex-lateral esquerdo do Juventus,* Terceiro Tempo s.d. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/pando-3220. Acesso em: 26 fev. 2025.

TERCEIRO TEMPO. *Que fim levou? Antoninho Minhoca*. Terceiro Tempo, s.d. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/antoninho-minhoca-2665

TIRONI, E. *Uma SAF não pode comprar a alma de um clube*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 ago. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/08/uma-saf-nao-pode-comprar-a-alma-de-um-clube.shtml. Acesso em: 26 fev. 2025.

TOLEDO, E. *Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 497-518, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eh/a/4pzvZkq8Cmf54NrbCfC7pCD/. Acesso em: 26 fev. 2025.

TRADIÇÃO. *In:* DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: https://www.dicio.com.br/tradicao/. Acesso em: 21 fev. 2025.

VITIELLO, S. C. B.; CONTI, D. de M.; OLIVEIRA, E. A. de A. Q.; QUARESMA, C. C.; MIZUTANI, M. N. P. *A influência das políticas públicas na produção do espaço urbano: o caso do bairro da Mooca / São Paulo – Brasil.* Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, *[S. l.]*, v. 15, n. 2, 2019. Disponível em:

https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4462. Acesso em: 23 fev. 2025.

VNEWS. *Guaratinguetá oficializa mudança para cidade de Americana*. Globo.com, 15 out. 2010. Disponível em: https://glo.bo/1v4OqFh. Acesso em: 26 fev. 2025.